

No 985

884882

985

CENSURADO PELA INSPECÇÃO GERAL DOS ESPECTACULOS EM 17 DE MARÇO DE 1941.

MANUEL PENTEADO

Artistas que desempenharam o papel

Apresenta

Luílla Pinheiro

Henrique Alves

Luílla Pinheiro

" L E I - S A N "

Drama original em 1 acto

1 Senhora
2 Homens

1946

Edwards A. Martins

284496

12346

Cod.
12346

SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA E REFORMA AGRÁRIA

MANUEL FERREIRO

Aracaju

12346

Forma original em 1946

12346

1946

Lei-San e Tai-Fo

Lei-San - (O rio, segurando o fio de seu papagaio de papel) Tai vai mais alto
 que o Torre do Templo de Chuí - Soba... Soba...
 Tai-Fo - (Pegando o rio, sem ela o presenciar, espreitando-a a cintura)
 Lei-San - (Fazendo um gratinho e deixando fugir o papagaio) Assustado-me! Vão?
 Tai-Fo - (Fugindo fugir o papagaio)

PERSONAGENS

Tai-Fo - (Fazendo um fio de papagaio e soltar no ar)
 Lei-San - (O rio tão grande) - Ahou, ahou... Já desapareceu...
 Tai-Fo - (E como um cacho a sopalar-se nos navios... - Fictos tristes?)
 Lei-San - (Um suspiro) Os cervos vão desaparecer!
 Tai-Fo - (Depois de cada cacho há sempre um bando de cervos! Em ele indo alto,
 bem alto no curso do rio, tão alto que já nem se prende à terra, vão
 os cervos para revoadas negras e despedaçadas...)

Artistas que desempenharam a peça

- LEI-SAN ----- Lucilla Simões
- KIN-TSE ----- Henrique Alves
- TAI-FO ----- Chaby Pinheiro

C H I N A

ACTUALIDADE

(No jardim da casa de Lei-San. A um dos lados, perto dum formosíssimo salgueiro, um tanque com assentos de mármore. Ao F., por entre sycómoros, laranjeiras e delicados bambús, avista-se a cidade. Pôr do sol)

284482

Handwritten notes:
1930

PERSONAS

Artistas que desmembraram a peça

Lucilla Stinões	-----	IRI-84N

Henrique Alves	-----	XIX-TM

Orlando Pinheiro	-----	TI-70

CHINA

ACTIVIDADES

(No jardim de casa de Laila. A um dos lados, perto das formigas, há um grupo, um círculo de crianças de rua, e, por outro lado, há um grupo de crianças e mulheres vendendo, vestidas e cobertas por de sol)

Cena 1ª

Lei-San e Tai-Fo

- Lei-San- (A rir, segurando o fio do seu papagaio de papel) Ih! vai mais alto que a torre do Templo do Céu! - Sobe...Sobe...
- Tai-Fo - (Entra e vem, sem ela o presentir, agarrar-lhe a cintura)
- Lei-San- (Dando um gritinho e deixando fugir o papagaio) Assustaste-me! Vês? deixei fugir o meu lindo papagaio... Olha, que alto vai!
- Tai-Fo - Parece uma flor de pecegueiro a boiar no ar!
- Lei-San- Era tão grande! - Adeus, adeus... Lá desaparece...
- Tai-Fo - E como um sonho a sepultar-se nas nuvens... - Ficáste triste?
- Lei-San- (Num suspiro) Os còrvos vão esfarrapa-lo!
- Tai-Fo - Atraz de cada sonho há sempre um bando de còrvos! Em ele indo alto, bem alto na curva do céu, tão alto que já nem se prenda á terra, vão os còrvos numa revoadá negra e despedaçam-no...
- Lei-San- Então não devíamos sonhar?...
- Tai-Fo - Que remédio!... A nossa vida é rastejante e feia como uma larva da terra. E o sonho transforma-nos o verme que somos numa linda borboleta d'azas palpitantes, lanciadas, de matizes maravilhosos... - Que fizeste, hoje?
- Lei-San- Bordei uma lingua d'oiro dum dragão na cabaia verde que tu gostas.
- Tai-Fo - E depois?
- Lei-San- Parei de bordar para me lembrar do meu amor! Um melindroso raio de sol entrou pela esteira da janela e veio despedaçar-se na minha tunica de sêda...
- Tai-Fo - E depois?
- Lei-San- Fiquei a olhar o raio de sol, voluptuosamente... Andavam dez mil corpusculos de pó a brincar dentro da luz como numa rede doirada... Caiu-me da mão a fina agulha de bordado... e quando voltei d'aquello esquecimento, num suspiro, ia jurar que tinhas estado ao pé de mim... - Dize, se estiveste?
- Tai-Fo - Eu nunca te abandono! Envolve-te no meu melhor pensamento com a mesma ternura com que o luar macilento beija de noite as relusentes folhas dos salgueiros... A essa hora, longe de ti, o teu extasis perturbou-me também, e eu senti nitidamente a tua voz a chamar... Voltei-me: era eu próprio a imitar a tua deliciosa voz... Tu, para mim, és mais do que uma imagem adorada: és uma companheira constante, um segredo do meu coração, uma superstição da minha alma!
- Lei-San- (Enlevada) Fala! Sinto-me tão longo, tão feliz quando tu falas... A minha alma socega como uma flor esquecida que tombasse num lago... Fala!
- Tai-Fo - Hoje, estou triste, nem sei porquê... - Há pouco, agarrei no pincel e fiz uns versos tristes...
- Lei-San- (Muito infantil) Para mim?
- Tai-Fo - Não... Para ninguém. Foram para a minha tristeza...
- Lei-San- Mostra-m'os!...
- Tai-Fo - Vem sentar-te ao pé do lago. Aqui, debaixo do salgueiro...
- Lei-San- Como se chamam?
- Tai-Fo - Não sei... São uns versos tristes... Uma lenda...
- Lei-San- Dize, meu amor...
- Tai-Fo - (Lendo umas taboinhas de sandalo)

Olhos verdes de princeza
Sempre a olhar de maneira
Que me ensinaes a tristeza...

- Lei-San - Deixae a vossa canceira. - Eu não tenho culpa...
- Tai-Fo - Bem sei, bem sei. Em procurar bem ao mal: - Pois é ridículo, é; é desas-
trado... - Que o mal trazeis na caveira! e eu sou de mesmo
- Lei-San - Foi dum rio de cristal
Onde vós fostes um dia,
Que o mal vos veio afinal...
- Tai-Fo - A vossa boca sorria
Numa curva feiticeira,
Que o rio vos reflectia;
- Lei-San - E os dentinhos em fieira,
Num momento, vos trouxeram,
Recordações da caveira!
- Tai-Fo - Os olhos entristeceram,
Não mais voltastes ao rio,
Os lábios emudeceram,
- Lei-San - E a boca nunca mais riu
Para não mostrar os dentes...
- Tai-Fo - Foi isto num paiz frio
Onde as almas são doentes! -
- Lei-San - (Repetindo num sonho) "Onde as almas são doentes..." - Que paiz é ?
- Tai-Fo - Não sei... É dentro de mim, talvez... Estás a chorar ?
- Lei-San - (Por entre lágrimas) Não, não... Deixa-os ver... (Pedindo-lhe as ta-
boinhas) É tão engraçado isto!... Que pena eu não saber lêr!...
- Tai-Fo - Não chores, amor!...
- Lei-San - É pela princeza, coitadita... (Debruçando-se no lago, de modo a re-
flectir-se) É verdade, lá estão os dentes...
- Tai-Fo - São mais lindos que os da princezita da lenda.
- Lei-San - (Muito triste) É a minha caveira, Tai-Fo... É um aviso da morte que
nós trazemos cá dentro... - Porque te lembraste da morte, meu amor ?
- Tai-Fo - Não sei... Foi um frio de neve que me cortou a coração...
- Lei-San - Vou mandar cobrir os dentes d'ouro para nunca mais veres a morte
dentro de mim...
- Tai-Fo - Que faz a máscara, se eu não me esquecer ? Que importa que tu sejas
linda e maravilhosa, se eu sentir nojo de ti ?... (Dolorosamente)
- Lei-San - Máscaras, máscaras! Eu olho o teu rosto branco como a neve e de
nacar, contemplo as tuas sobranceiras tremulas e negras como duas
azas d'andorinha, vejo a tua boca sanguínea e sábia como um lírio
vermelho do Japão... sinto ancias cegas de beijar-te... e quando vou
a estender os braços para ti, e duvida, a terrível duvida paralisa-
-m'os!... Máscaras, máscaras!
- Lei-San - Que tens tu hoje ? Nunca te vi assim, meu amor!
- Tai-Fo - (Numa tortura) Sei lá o que tenho! Tenho um ciume enorme, um ciume
pavoroso...
- Lei-San - Mas de quê ? Eu sou toda tua; não tenho um pensamento que não seja
para ti, nem um beijo que procure outra boca...
- Tai-Fo - Ciumes do passado... Tudo que me dizes dá-me a impressão de ser uma
canção velha que, á força de repetir-se, a tua boca já recita de cór!
(Em cena tem escurecido completamente)
- Lei-San - (Cheia de amargura) Eu que estava tão contente!... tão contente!...
- Tai-Fo - Quero adivinhar nos teus olhos o que vai na tua alma e não posso!...
não posso!... Eles são tão puros, tão luminosos! Atraem os olhos
das crianças... Enchem de ternura os olhos dos animais... - Vá lá
saber! vá lá saber!... (Num grande desalento) Máscaras... máscaras...

Deixar a voz sua cessar
Em procurar bem ao mal:
- Que o mal trazia se evoltar!

Por um rio de cristal
Onde vos fostes um dia,
Que o mal vos veio atrainar...

A voz sua boa e sorrir
Nua curva felicitosa,
Que o rio vos reflectia;

E os dentinhos em rilar,
Num momento, vos trazeram,
Recordações de cavalari;

Os olhos extralucos,
Nas mais voltadas ao rio,
Os lábios embebecos,

E a boca nua e mais rir
Para não mostrar os dentes...
- Foi isto num país rir
Onde as almas são dentes!

Joi-San - (Repetindo num somno) "Onde as almas são dentes..." - Que país é ?
 Tai-Po - Não sei... É dentro de mim, talvez... Onde a canção ?
 Joi-San - (Por entre lágrimas) Não, não... Deixar os versos... (Repetindo-lhe as palavras)
 Tai-Po - Não choras, amor!... Que país é este? Onde as almas são dentes?
 Joi-San - É pela primeira vez... (Deprimido) Não se pode a rir...
 Tai-Po - É verdade, já estão os dentes...
 Joi-San - É o mais lindos que os de primeira de lenda,
 Tai-Po - (Muito triste) É a minha cavalari, Tai-Po... É um aviso da morte que
 não trazemos de dentro... - Porque se lembrasse de morrer, não amor ?
 Tai-Po - Não sei... Foi um rio de neve que me cortou o coração e corações...
 Joi-San - Vou mandar copiar os dentes d'aquele país nunca mais voltar a morrer
 dentro de mim...
 Tai-Po - Que lá a natureza, se eu não me esquecer ? Que importa que eu seja
 lindo e maravilhoso, se eu sentir nojo de ti ? (Dolentemente)
 Joi-San - Mas que maravilha! Eu sinto o teu rosto branco como a neve e os
 lábios, e sinto as tuas espinhas tremulas e negras como duas
 asas d'andorinha, vejo a tua boca sacudida e a tua como um lírio
 vermelho de jasmim... sinto aquelas lágrimas de beijar-te... e quando vou
 a entender os dentes para ti, a dúvida, a caravela gávida paralisada
 - Não!... Não se pode, não amor!
 Joi-San - Que país tu hoje ? Nunca te vi assim, não amor!
 Tai-Po - (Nua palavra) - Sei lá o que tenho! Tenho um clima estranho, um clima
 avoroso...
 Joi-San - Mas de quê ? Em sonhar tuas; não tenho um pensamento que não seja
 para ti, nem um desejo que procure entre nós...
 Tai-Po - O clima do passado... Tudo que me dizem é-me a impressão de ser um
 campo vazio que a força de repetição, a tua boca já resista de dor!
 (Em uma tem sacrosanta complicitade)
 Joi-San - (Ocho de amargura) De que estás tão contente!... tão contente!...
 Tai-Po - Quero dividir nos teus olhos o que vejo na tua alma e não posso!
 não posso!... Não são os olhos, são os lábios! Não são os olhos
 das orquídeas... Enchem de ternura os olhos dos animais... - Ve lá
 saber! ve lá saber!... (Um grande suspiro) Mas não se pode...

- Lei-San- Para que has-de pensar no passado...- Eu não tenho culpa...
- Tai-Fo - Bem sei, bem sei que não tens culpa...- Pois é ridículo, é; é desastroso... Mas que importa o que diz a razão, se eu sofro do mesmo modo, se eu sofro cada vez mais!...
- Lei-San- Pobre Tai-Fo! Trazes dez mil desventuras na tua alma! Sofres por causa da tua Lei-San, que tanto te quer, que não vê outro amor debaixo do céu...
- Tai-Fo - Tudo isso fala aos meus ouvidos e não ao meu coração... A dúvida nasce connosco. Entre os nossos dois corpos, entre as nossas almas há sempre uma imagem de escarneo.
- Lei-San- (Com horror) Uma imagem ?
- Tai-Fo - (Numa violencia) Não a sentes, dize ? Não a sentes ?... - É o teu esposo... O morto!... Não nos sai d'aqui!
(Sôam trez pancadas num gong. Lei-San e Tai-Fo voltam-se aterrados. Aparece, sem que se saiba como, um velhinho pobre e feio, de longas barbas: é Kin-Tse).
- Kin-Tse- (Muito humilde, muito risinho, com cómicos salamalés) Tsing-Tsing!...
Tsing-Tsing!
- Tai-Fo - Quem és tu ?
- Kin-Tse- (Continuando as cortesias) Tsing-Tsing!... Tsing-Tsing!...
- Tai-Fo - (Perdendo a paciencia) Deixa-te de reverencias... Dize, que queres ? Quem és ?
- Kin-Tse- (Num risinho irónico) Que te importa!... O que eu sou, já fui e já não sou!...
- Tai-Fo - És doido, velho ?
- Kin-Tse- (Misteriosamente) Pergunta a Chang-Ti, soberano senhor do céu.
- Tai-Fo - Com que direito vens importunar a minha hora de felicidade ?
- Kin-Tse- (Sempre a rir) A tua felicidade ? Ingénuo! A felicidade não existe.
- Tai-Fo - És filósofo ?
- Kin-Tse- E tu és poeta... Qual de nós é mais tolo ?
- Tai-Fo - Insultas-me, velho idiota ?
- Kin-Tse- É como um vil mineral que se dá brilho ao diamante: o insulto dum mau pode ajudar-nos a aperfeiçoar uma virtude...
- Tai-Fo - Pois vai aperfeiçoar-la para outra parte. Deixa-me em paz!
- Kin-Tse- (Muito dõce) Vem tu também... Abandona essa concubina...
- Tai-Fo - (Irritadissimo) Desgraçado! Sabes de quem falas ?
- Lei-San- (Cheia de susto) Não lhe batas, é um velho...
- Kin-Tse- (Numa gargalhada) É preciso escutar as mulheres, mas nunca acreditar o que elas dizem...
- Tai-Fo - (Cego de furia) Pelo terrível Lung, o dragão dos céus!
- Lei-San- (Interpondo-se, num grito) Não, Tai-Fo!... Não lhe faças mal!
- Kin-Tse- (Num sarcasmo, suspirando) Obrigado, Lei-San!... Devo-te a vida!... - Não te via há dois outonos... Estás mais linda, sabes ? (Subitamente) É o teu morto ?
- Tai-Fo e Lei-San - (a meia voz) O morto!
- Lei-San- Que queres dizer ?
- Kin-Tse- (Muito irritante) Tens muitos arcos triunfantes levantados á tua virtude de viuva ?
- Tai-Fo - (Crescendo para ele) Ah! maldito insolente!
- Kin-Tse- Paz, paz!... Eu não sou deste mundo...
- Tai-Fo - Mas quem és, afinal ?
- Kin-Tse- (Com finura) Um remorso... (Dispondo-se a sair) Tsing-Tsing...
- Tai-Fo - (Agarrando-o) Não!... Has-de dizer quem és ?
- Kin-Tse- (Subtilmente) Sério ?!... Tens muito empenho ?... Pois ouve... - (Num gesto de mágico, apontando a casa) Foi d'ali!... No 27º dia da 4ª lua...
- Lei-San- (Tremula de espanto) O quê ?!
- Kin-Tse- (Batendo as palavras) No 27º dia da 4ª lua, saí d'ahi num formoso cortejo... Carpideiras uivando; convidados galhofando; bandeirolas ao vento... Uma festa: eram os meus funeraes...

- Lei-San- (Num terror) Tu ?!
- KintSe- Os funeraes de Kin-Tse, do grande Kin-Tse...
- Tai-Fo - (Recuando espantado) O marido de Lei-San!
- Kin-Tse- (Avançando para ele) Eu próprio... Aqui tens a minha viuvinha...
- Lei-San- (Desvairada) É um doido!
- Tai-Fo - (Timidamente) Por certo!
- Kin-Tse- Não acreditas na transmigração das almas ? Não ? Pois é pena!... Eu sou a alma de Kin-Tse noutro corpo... (Num risinho agudo) Eu te conto... - Quando morri, a minha alma separou-se do meu corpo. O corpo ficou na terra e a alma foi parar ao inferno dos Tao-ssé... Eu tinha para aí feito umas infamiasitas em vida... Coisa de nada!... Foram im placaveis: a minha alma apareceu no inferno carregando as suas faltas e os seus pecados... - O rei dos infernos é bom tipo... Conteí-lhe a vida e o diabo simpatizou comigo... - Duma vez, pedi-lhe para vir á terra... - "Que queres ir lá fazer ?" - "Ah! meu caro mestre, uma pontinha de curiosidade, uma ninharia... Minha mulher, a deliciosa Lei-San, a minha pérola de jade, como eu lhe chamava, á hora da minha morte, jurou-me eterna fidelidade, e mais: que não teria pensamentos senão para mim, e mais ainda: que a sua boca nunca mais estremeceria num beijo d'amor..."
- Tai-Fo - (Para Lei-San, cheio de pavor) É verdade ?
- Lei-San- (Toda em lágrimas) É espantoso! É espantoso!
- Kin-Tse- (Com excelente bom humor) É verdade, podes crêr!... O diabo desatou uma gargalhada e disse-me: - "Pois sim!... irás á terra!" - Nisto, procurá-se o meu corpo e nada de encontra-lo!... A infame tinha-o queimado! - Ah! Lei-San, que mal te fazia esse corpo na terra ? que pressa tiveste d'acabar com ele!... - Virei-me para o diabo, num a grande desolação e pedi: - "Mestre, não poderei ir noutro corpo ?" - "É uma ideia! Aqui tens um, ainda quente: é dum velho anacoreta, meio idiota, meio mágico... Queres ?" - "Aceito!" - Então, solenemente, bradou: "Kin-Tse vai operar-se a transmigração da tua alma! Não vaes no teu corpo, porque a tua mulher queimou-o... Tem paciencia! Vais neste, muito velho e muito feio... Mas tu renunciaste aos prazeres da terra, e já não tens vaidades... Vai... E até breve!" - E num instante trazido numa nuvem, aqui estou!
- Tai-Fo - (Apoz uma pausa) És um grande mistificador!
- Kin-Tse- E tu, meu amigo, és o novo amor de Lei-San ?... Que te diz ela ? Jura-te fidelidade ? Passa as tardes encostada ao teu peito, a dizer que é tua, só tua, sempre tua ?... Ainda se perfuma a heliotropio e sandalo ?... Quantos beijos lhe deste, entre as espaldas, em certo sinalzinho negro que me faz saudades lá no inferno ?
- Lei-San- (Aterrorisada) É horrivel!
- Kin-Tse- (Mirando Tai-Fo, zombateiro) Ah! tu és perfeito! és magnifico! Bojudo como um elefante... Esplendido como o sol!... Dize cá: acreditas nela ? Acreditas, dize ?... Pateta!... Olha para mim... Aprende neste exemplo... Se tu soubesses o que ela me jurava!... Tanta palavra!... As mulheres são como as cigarras... Fazem barulho até morrer... Que eu ando convencido duma coisa: não te parece que a lingua das mulheres foi aumentando á medida que lhe diminuíram os pés ?... Faze um poema com esta ideia... Já aí vem a lua! São horas de recolher... O inferno é melhor: lá, ao menos, não se esquece! (Depois duma pausa) Vou despir este corpo: aperta-me na cabeça e no peito, e faz-me doer a alma... (Repetindo as reverencias) Tsing-Tsing... Tsing-Tsing!... (Desaparece como por encanto. O luar inunda a cena)
- Tai-Fo - (Como acordando dum sonho, depois de curta pausa) Desapareceu!...
- Lei-San - (Vendo a tristeza profunda de Tai-Fo) Oh! meu pobre amor!... Dize-me que foi um sonho mau!... Esse homem... Essa sombra...
- Tai-Fo - (Friamente) Adeus!
- Lei-San- (Num grito) Onde vais ?

Tai-Fo - Esquecer.

Lei-San- (Numa ansiedade) Essas palavras ?

Tai-Fo & Tudo!

Lei-San- (Com desespero) A mim, também ?

Tai-Fo - A ti, primeiro!

Lei-San- (Na maior das angústias) Então mata-me!

Tai-Fo - (Feroz d'ironia) Queres ir tor com ele ?

Lei-San- (Cheia de pranto) Não sejas cruel! Não me despedaces a alma! Pelo nosso amor, por estas lágrimas que me escaldam as palpebras, não me fujas meu amor, meu encanto, minha vida!

Tai-Fo - (Agarrando-a; face a face) Máscaras, máscaras!

Lei-San- (Abraçando-o) Lê nos meus olhos! Lê no fundo da minha alma!

Tai-Fo - (Arredando-a com violencia) Não quero! Não has-de enfeitiçar-me, não quero! - Desleal com o outro, querias continuar a mentir na vida! Ontem foi aquela sombra ou aquele demónio, hoje era eu, amanhã outro seria! Ah! era o terrível passado que eu presentia a separar-nos para sempre!

Lei-San- (Por entre lágrimas) Não digas! não digas!

Tai-Fo - (Alucinado, perseguindo-a) No teu corpo há outro homem a quem juras-te amor e fidelidade! Está dentro de ti, indelevel, na tua alma... Nos teus pensamentos, no teu amor, há migalhas do que ele sentiu, há restos dos pensamentos e do amor dele... Toda tu estás impregnada dele, nos gestos, nos gostos, na fala, no olhar... Não o sentes, mas sinto-o eu! Não poderia mais chegar-me ao teu corpo, que não percebesse o calor dele a macular-te... Na tua boca ainda há o halito que ele lá deixou, e no teu perfume há um cheiro que é só dele... Eu bem o sinto! eu bem o sinto! Estás cheia dele!

Lei-San- (Como louca) Desgraçada de mim!... Desgraçada de mim!... Eu não tenho culpa!... Eu não tenho culpa! (Cai num choro convulso. Tai-Fo ainda hesita um momento, mas bruscamente foge, tapando o rosto nas mangas da cabaia)

Lei-San- (Erguendo o rosto transfigurado) Tai-Fo! (Num grito do fundo d'alma)

Tai-Fo! (Correndo o jardim) Tai-Fo! (Desanimada, numa expressão de pasmo, vem sentar-se no tanque e balbucia a medo) Tai-Fo!... (Com a voz cortada de soluços) Oh! como és cruel! como és deshumano! Nem uma palavra de despedida, nem um adeus! - Não tens piedade para a tua Lei-San, para o teu amor - que te queria tanto! que te queria tanto! (Num desalento enorme) Não volta... nunca mais volta... - Feri-res-me deste modo, a mim, que te queria tanto! que te queria tanto! - Mas dize que não é verdade... que não pode ser... que não deve ser!... (Numa agitação crescente) Tu, salgueiro, que tanta vez ouviste as nossas palavras d'amor, dize:- voltará?... Tu, água do lago, que tanta vez reflectiste as nossas bocas presas num longo beijo, dize:- voltará?... Dize tu, luar de nácar, que tanta vez penetraste nos abraços dos nossos corpos:- voltará?... - Não respondem... Pobre de mim! que lhe queria tanto, que lhe queria tanto! - Esquecer-me!... Foi esquecer-me!... Eu fui para ele um sonho... Vieram os còrvos... (Numa ideia subita) Matar-me! (Num arrepio) Esquecer também!... (Entreabrindo a túnica e arrancando um frasquinho de porcelana dum fio deiro) Mal sabia ele que m'o dava para mim!... Eu que lhe queria tanto! eu que lhe queria tanto! (Bebe o veneno do frasquinho e arremessa-o para o chão) Hei-de acabar debaixo do salgueiro que ouviu o nosso amor!... Pobre salgueiro, vais ficar sem a tua dona... Tens saudades ? hein?... Dize-lhe que eu lhe queria muito! muito!

Tai-Fo - (De longe, numa voz angustiada) Lei-San!... Lei-San!...

Lei-San- (Erguendo-se, num grito d'alegria) Ele! Ele!... És tu!

Tai-Fo - (Entrando a correr e estreitando-a nos braços) Eu já não posso viver sem ti! Amo-te, Lei-San! Amo-te perdidamente!

Lei-San- (Numa ternura infinita) Obrigada, meu amor! Eu quero-te tanto! eu

quero-te tanto!

Tai-Fo - Ia a fugir de ti e, de repente, senti que deixava aqui a minha alma inteira... E depois, um presentimento... uma vaga tortura... (Num grito terrível percebendo toda a desgraça) Oh!

Lei-San - (Em convulsões, faltando-lhe o ar, as pupilas dilatadas) Eu quero-te tanto... tanto...

Tai-Fo - (a tremer) Envenenada!...

Lei-San - (Num estertor) Tanto... tanto... (Cae desamparada no chão, morta)

Tai-Fo - (Chamando-a, louco de dôr) Lei-San!... Lei-San!... Lei-San!...

O PANO DESCE LENTAMENTE

F I M

